

HIPERPLASIA MAMÁRIA FELINA – RELATO DE CASO*

Diego Carvalho Viana¹; Amilton Cesar dos Santos¹; Leandro Almeida Rui¹; Daniela Moraes de Oliveira¹; Arannadia Barbosa Silva²; Francisco das Chagas Flavio Carvalho Costa.³; Antônio Chaves de Assis Neto¹

RESUMO

A hiperplasia mamária felina (HMF) pode ser desenvolvida por um transtorno do organismo dependente de substâncias progesteronais naturais ou sintéticas, caracterizada por um rápido aumento de uma ou mais glândulas mamárias. O objetivo deste trabalho foi relatar um caso de hiperplasia mamária em um felino. Uma gata, sem raça definida, com onze meses de idade, nulípara, foi encaminhada ao setor de clínica do Hospital Veterinário da Universidade Estadual do Maranhão com um histórico de redução do apetite e aumento de volume de todas as cadeias mamárias, o qual ocorreu dias após a administração de um contraceptivo, à base de acetato de medroxiprogesterona. De acordo com a anamnese e o exame clínico suspeitou-se de hiperplasia mamária felina. Como terapia, foi proposta a realização da ovariosalpingohisterectomia, porém o animal veio a óbito alguns dias após o procedimento. A utilização de progestágenos sintéticos na espécie felina, em decorrência de sua forte predisposição ao desenvolvimento de hiperplasia mamária, é de grande risco, sendo, nesse caso, necessário rápido diagnóstico e intervenção terapêutica na tentativa de conter a evolução do quadro clínico e evitar complicações que podem culminar com o óbito do animal.

Palavras-chave: felino, progestágenos, glândula mamária, hiperplasia fibroepitelial

INTRODUÇÃO

A Hiperplasia Fibroepitelial, também conhecida como Hiperplasia Mamária Felina (HMF), é caracterizada pelo crescimento de uma ou mais glândulas mamárias em gatas jovens a partir do primeiro cio, condição estimulada pelos hormônios ovarianos que aumentam o número de células, sendo benigna e não neoplásica. Desde o primeiro relato em publicação, feito por Allen em 1973, ficou evidente que o desenvolvimento mamário ocorre por influência de progesterona endógena ou exógena (MARTIN DE LAS MULAS et al., 2000). Clinicamente, a hiperplasia fibroepitelial é caracterizada pelo aumento maciço das glândulas mamárias, que são firmes, indolores e não inflamatórias, mas podem tornar-se infectadas ou necrosadas. Normalmente mais de uma glândula é afetada, podendo apresentar edema, ulceração, áreas de necrose e infecção bacteriana secundária. Ocorrem ainda sinais clínicos sistêmicos, como apatia, anorexia, febre e desidratação (AMORIM, 2007).

Como terapia, a ovariosalpingohisterectomia (OSH) tem se mostrado eficaz, pois reduz o estímulo de progesterona endógena no tecido mamário e evita a progressão da doença. Além disso, um dos protocolos de tratamento corresponde à mastectomia. Porém, caso o tecido mamário tenha desenvolvido ulceração e/ou necrose cutânea, esse procedimento deve ser acompanhado de OSH para que o estímulo hormonal seja diminuído (ALLEN, 1973).

*Artigo recebido em: 25/11/2012

Aceito para publicação em: 30/07/2013

¹Médico Veterinário, Mestre em Ciência Animal e doutorando pela USP no Programa de Anatomia dos Animais Domésticos e Silvestres. Endereço para correspondência: Av. Prof. Dr. Orlando Marques de Paiva, 87 - CEP 05508 270, Cidade Universitária - São Paulo/SP - Brasil, Brasil. Email: dieob@bol.com.br

²Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (IOC/FIOCRUZ)

³ Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Apesar de possuir característica benigna, a hiperplasia mamária pode levar o animal a óbito devido às complicações secundárias sistêmicas decorrentes da doença, além disso, os animais podem ser eutanasiados quando a doença atinge níveis críticos de evolução (LORETTI et al., 2004). No entanto, o diagnóstico precoce e a decisão do melhor tratamento podem evitar o óbito em muitos casos.

Considerando a necessidade de mais estudos detalhando a fisiopatologia da hiperplasia mamária e as possíveis complicações sistêmicas que podem ocorrer ao paciente, este relato objetivou-se descrever um caso de hiperplasia mamária felina em que o animal veio a óbito. Além disso, buscou-se evidenciar a importância da OSH na contracepção e nos distúrbios de origem hormonal.

RELATO DE CASO

Uma gata, sem raça definida, com aproximadamente nove meses de idade, foi atendida no Hospital Veterinário da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com histórico de aumento de volume mamário generalizado há um mês. Segundo relato do proprietário, o animal havia recebido injeção de contraceptivo (acetato de medroxiprogesterona) há aproximadamente 60 dias.

O animal foi submetido ao exame clínico de rotina e apresentava estado nutricional ruim, apatia, fraqueza, dificuldade de deambulação e desconforto ocasionado pela inflamação associada à hiperplasia mamária. Os parâmetros: temperatura retal, frequência respiratória e cardíaca estavam dentro dos valores considerados normais para a espécie. Foram observados os parâmetros relacionados a localizações das lesões, dimensões, consistência, sensibilidade dolorosa, secreções e alterações cutâneas nas glândulas mamárias. Constatou-se acentuado aumento de volume mamário de consistência firme, que afetava todas as mamas (Figura 1A e 1B).

A suspeita clínica foi de hiperplasia mamária felina e optou-se como tratamento a realização de OSH. Durante o pós-operatório não houve melhora significativa do quadro. O animal evoluiu para o óbito dez dias após o procedimento cirúrgico sendo encaminhado para a necropsia, porém a confirmação histopatológica não foi realizada devido às condições financeiras do proprietário. No entanto, as alterações macroscópicas presentes na glândula mamária in vivo e as observadas na necropsia corroboraram para o diagnóstico de hiperplasia mamária felina.



Figura 1. Glândula Mamária de gata. **A** - Edema e hiperemia, **B** - Infecção e inflamação

DISCUSSÃO

A hiperplasia mamária felina é caracterizada pela rápida proliferação do estroma mamário e epitélio ductal de uma ou mais glândulas. Outras denominações

são fibroadenomatose, hipertrofia e fibroadenoma. O termo hipertrofia é incorreto porque o tecido é hiperplásico, devendo ser preferencialmente denominada hiperplasia mamária fibroepitelial. É uma condição benigna e

deve ser diferenciada de adenocarcinoma e mastite (RAHAL et al., 2003).

Os relatos de caso têm mostrado que a hiperplasia fibroepitelial pode ser tratada com sucesso através de ovariectomia e mastectomia simples das mamas afetadas e celiotomia exploratória, na qual são removidos pedículos ovarianos, cornos uterinos e algumas vezes mastectomia regional, porém sem castração do animal, desde que o diagnóstico seja realizado precocemente (RAHAL et al., 2003). No entanto a mastectomia não é o tratamento mais recomendado (AMORIM, 2007).

Estudos têm mostrado que o tratamento com um antagonista da progesterona, aglepristona, pode inibir seus efeitos estimulatórios no crescimento das mamas. O tratamento é feito com injeções subcutâneas, sendo verificada a completa regressão do volume mamário no período de uma a duas semanas. Entretanto, os animais tratados não podem ser gestantes devido ao efeito abortivo do fármaco. Pode ser necessária a repetição do tratamento para animais tratados previamente com progestágenos exógenos. Esta pode ser uma opção terapêutica para a ooforectomia, principalmente quando não se desejar a perda da fertilidade do animal (AMORIM, 2007).

O felino apresentava condições clínicas gerais ruins, embora estava responsivo e alerta. A dificuldade de deambulação foi decorrente também do volume mamário, que chegou a quase metade do peso total do animal. Essa mesma característica foi observada em gatas por Vasconcellos (2003).

Os nódulos mamários eram bem delimitados, apresentando edema, ulceração, infecção bacteriana secundária e sem áreas de necrose, (Figura 1A). Essa alteração hiperplásica tem como característica principal o crescimento rápido, em torno de três a quatro semanas, e tende a afetar animais jovens, na maioria das vezes com menos de dois anos de idade (MOULTON, 1990), o que evidenciando presença de infecção e inflamação. Observou-se ainda normalidade em todos os órgãos internos (macroscopicamente), tornando pouco elucidativa a *causa mortis*. Porém, Carpenter et al. (1987) relatou óbito em

confere com o paciente neste relato, que desenvolveu a alteração dentro de quatro semanas e com oito meses de idade. Nesse relato observou-se um acelerado crescimento hiperplásico, assim como observado também em gatas por vários autores (SILVA et al., 2008; MOURA et al., 2010; SILVA & SILVA, 2012).

O desenvolvimento de lesões mamárias benignas e malignas pode ter origem hormonal devido ação da progesterona endógena e ou com base em análogos sintéticos de progesterona (progestágenos) como o acetato de megestrol e acetato de medroxiprogesterona. A causa do desenvolvimento da hiperplasia mamária descrita neste relato foi devido a administração de acetato de medroxiprogesterona na tentativa de se evitar a concepção. Ressalta-se que a OSH eletiva além de ser um método efetivo de concepção, contribui na prevenção de distúrbios de origem hormonais.

Não houve sucesso no tratamento proposto ao animal devido às condições gerais do paciente e ao diagnóstico tardio. Porém, há relatos de sucesso terapêutico ao realizar a OSH e em seguida o uso do aglepristone, pelo fato de ser um fármaco antiprogestágeno (SOUZA et al., 2002; CHATDARONG et al., 2008; FREITAS, 2009). MacDougall (2003) relatou hiperplasia mamária felina em um felino macho submetido ao tratamento de dermatopatia pruriginosa com o uso do progestágeno acetato de megestrol, no qual, mesmo após a orquiectomia, a involução mamária não ocorreu como o esperado. Segundo Martin de Las Mulas et al. (2000), recidiva desta condição pode ocorrer após a OSH terapêutica em raras ocasiões.

O estado físico e clínico da gata apresentava-se ruim, com muita debilidade, vindo a óbito dez dias após a intervenção cirúrgica. Na necropsia observou-se macroscopicamente grande quantidade de secreção purulenta nas mamas e acúmulo de tecido conjuntivo felinos com prognóstico reservado de ulceração e inflamação das glândulas mamárias associados com infecção sistêmica, trombos venosos cutâneos e tromboembolismo arterial pulmonar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hiperplasia fibroepitelial mamária, embora possua caráter benigno, pode levar o animal ao óbito caso o diagnóstico e a determinação do tratamento não sejam realizados precocemente. Ressalta-se a utilização de progestágenos sintéticos como importante causa do desenvolvimento desta patologia. Assim, recomenda-se a OSH eletiva como principal método contraceptivo e prevenção da hiperplasia mamária felina.

FELINE MAMMARY HYPERPLASIA - CASE REPORT

ABSTRACT

Feline mammary hyperplasia (FMH) can be developed by a disorder of the body dependent upon natural or synthetic progestational substance, characterized by a rapid increase of one or more mammary glands. The aim of this study was to report a case of mammary hyperplasia in a feline. A nulliparous female cat, without defined breed, eleven months old was referred to the clinic of the State University of Maranhão with a history of reduced appetite and increased volume of all mammary glands. In anamnesis, it was found that the FMH occurred days after the administration of a contraceptive based on medroxyprogesterone acetate. According to anamnesis and clinical examination, it was suspected mammary hyperplasia. As therapy, it was instituted the realization of the ovary salpingo hysterectomy, but the animal died a several days later. The use of synthetic progestogens in the feline species, due to their strong predisposition to development mammary hyperplasia is of great risk. Therefore, it needs early diagnosis and therapeutic intervention in an attempt to complications that can lead to animal's death.

Keywords: feline, fibroepithelial hyperplasia, , mammary gland, progestogens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, H.L. Feline mammary hypertrophy. **Veterinary Pathology**, Philadelphia, v.10, n. 1, p.501-508, 1973
- AMORIM, F. V. Hiperplasia mamária felina. **Acta Scientiae Veterinariae**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 279-280, 2007.
- CARPENTER, J.L., ANDREWS, L.K. & HOLZWORTH, J. Tumors and tumor-like lesions. In: HOLZWORTH, J. **Disease of the cat: medicine and surgery**, Philadelphia: WB Saunders, 1987, p. 406-596.
- CHATDARONG, K.; MUPHUNG, W.; MANEE-IN, S.; RUNGSIPIPAT, A. Effects of antiprogestin on the medroxyprogesterone acetate-exposed uterine tissue of cats. 6th **International Symposium on Canine and Feline Reproduction & 6th Biennial EVSSAR congress**, European Veterinary Society for Small Animal Reproduction, Vienna, Austria, 2008.
- FILGUEIRA, K.D.; REIS, P.F.C.C.; PAULA, V.V. Hiperplasia mamária felina: sucesso terapêutico com o uso do aglepristone. **Ciência Animal Brasileira**, Goiânia, v. 9, n. 4, p. 1010-1016, 2008.
- FREITAS, A.G. Hiperplasia fibroadenomatosa mamária felina: relato de caso. **Monografia**. Curso de Medicina Veterinária / Faculdades Metropolitanas Unidas. 2009
- LORETTI, A. P.; ILHA, M.R.S.; BREITSAMETER, I.; FARACO, C. S. Clinical and pathological study of feline mammary fibroadenomatous change associated with depot medroxyprogesterone acetate therapy. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Belo Horizonte, v. 56, n. 2, p. 270- 274, 2004.
- MACDOUGALL, L. D. Mammary fibroadenomatous hyperplasia in a young cat attributed to treatment with megestrol acetate. **Canadian Veterinary Journal**, Ontário, v. 44, n. 3, p. 227-229, 2003.

MARTIN DE LAS MULAS, J.M., MILLAN Y, BAUTISTA MJ, PEREZ J & CARRASCO L. Oestrogen and progesterone receptors in feline fibroadenomatous change: an immunohistochemical study. **Research in Veterinary Science**, Córdoba, v.68, n. 1, p.15–21, 2000.

MOULTON, J.E. Tumors of the mammary gland. In: MOULTON, J. E. **Tumors in domestic animals**. 3 ED. London, cap 12, 1990, p. 518-552.

MOURA, G.M.; FERREIRA, M.A.Q.B.; SILVA, C.E.S.; SOUSA, S.D.; POTIER, G.M.A.P. Hiperplasia mamária – relato de caso. X Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão – JEPEX. **Anais** – UFRPE: Recife, 2010.

RAHAL, S.C.; CAPORALI, E. H. G.; LOPES, M.D.; ROCHA, N. S.; MELERO, S.H. Hiperplasia mamária felina - relato de três casos. **ARS Veterinaria**, Jaboticabal, v. 19, n. 2, p. 188-190, 2003.

SILVA, A.P.; SALBEGO, F.Z.; PALMA, H.E.; AMARAL, A.S.; SCHMIDT, C.; SILVA, C.F. Hiperplasia fibroepitelial mamária em uma gata. 35º Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária. **Anais**, Gramado/RS. 2008.

SILVA, T.P.D.; SILVA, F.L.; Hiperplasia mamária felina: um relato de caso. **Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer**, Goiânia, v.8, n.14, p. 634-640, 2012.

SOUZA, T.M.; FIGHERA, R.A.; LANGOHR, I.M.; BARROS, C.S.L. Hiperplasia fibroepitelial mamária em felinos: cinco casos. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.32, n.5, p.891-894, 2002.

VASCONCELLOS, C. H. C. Hiperplasia mamária. In: SOUZA, H. J. M. **Coletâneas em medicina e cirurgia felina**, Rio de Janeiro: L. F. livros, 2003. p. 231-237.